Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro
Departamento de Letras
Curso de Especialização em Tradução Inglês-Português

Tradução Técnica de Informática, Padronização da Terminologia & Ferramentas Auxiliares

Por

Renata Hetmanek dos Santos

Monografia apresentada em cumprimento
às exigências do Curso de Especialização em Tradução
Inglês-Português da PUC
Professora Orientadora: Maria Candida Bordenave, do
Módulo de Terminologia

Rio de Janeiro, 02 de maio de 2000

“Ora, toda a terra tinha uma só linguagem e um só modo de falar. Viajando os homens para o Oriente, acharam uma planície na terra de Shinar; e ali habitaram. (...) Disseram uns aos outros: (...) Vinde, edifiquemos para nós uma cidade e uma torre, cujo nome chegue até o céu, e façamo-nos um nome; para que não sejamos espalhados sobre a face de toda a terra. Porém, desceu Jeová para ver a cidade e a torre (...) Disse Jeová: Eis que o povo é um só e todos eles têm uma só linguagem. Isto é o que começam a fazer: agora nada lhes será vedado de quanto intentam fazer. Vinde, desçamos e confundamos ali a sua linguagem, para que não entendam a linguagem um do outro. Assim Jeová os espalhou dali sobre a face de toda a terra; e cessaram de edificar a cidade. Por isso se chamou o seu nome de Babel (...)”

(Gênesis, 11.)

Índice Analítico

Introdução

O processo de globalização tem sido, nas últimas cinco décadas, um fator de impulsão para a atividade tradutória em todo o mundo. A maior circulação de bens e serviços trouxe consigo a necessidade de fazer com que falantes de outras línguas compreendessem o que está escrito nos rótulos das mercadorias e nos manuais dos bens recém-adquiridos.

Um dos setores que mais cresce atualmente é o de desenvolvimento de hardware e software – ou o mercado de informática. Novos programas de software são lançados em base quase diária, e eles precisam ser traduzidos para que o usuário final médio – aquele que não fala inglês com fluência – possa usá-los. Da mesma forma, produtos periféricos de computação são lançados, tais como impressoras, aparelhos de fax e scanners. A tradução da documentação que acompanha tais produtos é a chamada tradução técnica de informática, alvo dessa pesquisa.

Os mercados internos – o brasileiro não foge à regra – exigem que toda a documentação dirigida aos consumidores seja traduzida para a língua do país que comercializa o produto. No Brasil, existe um Código de Defesa do Consumidor que explicitamente protege o consumidor contra informações incompletas ou inverídicas fornecidas em manuais técnicos. Esse Código é um instrumento legal (Lei nº. 8.078 de 11/09/1990) que visa a aperfeiçoar as relações entre consumidores e fornecedores. De acordo com ele, o fabricante deve responder tanto pelos defeitos de seus produtos, quanto pelas informações insuficientes ou inadequadas (art. 12). Reza o Código que a oferta e a apresentação de produtos ou serviços devem assegurar "informações corretas, claras, precisas, ostensivas e **em língua portuguesa** sobre suas características (...)".(Capítulo V – Das práticas comerciais, Seção II – Da oferta).

Nos últimos dez anos, a aceleração do processo de globalização fez com que os lançamentos de produtos passassem a ser simultâneos mundialmente, o que exigiu uma velocidade muito maior no serviço de tradução, sem que os tradutores pudessem descuidar da qualidade do texto final. A urgência dos prazos acabou requerendo a utilização de vários tradutores em um mesmo projeto. Assim, cada vez mais se faz essencial que todos

os tradutores envolvidos em um mesmo projeto usem a mesma terminologia a fim de garantir uma documentação final coerente e confiável.

Para aumentar a produtividade dos tradutores técnicos de informática e assegurar-lhes agilidade nos processos de trabalho, existem ferramentas específicas de software: os glossários eletrônicos, os tradutores automáticos e as memórias de tradução, entre outras. São, cada um a seu modo, recursos de trabalho que procuram acompanhar as rápidas mudanças na área de tradução técnica de informática. O tradutor não perde seu espaço, mas procura reorganizá-lo de forma a atender mais prontamente as exigências de um mercado em franca expansão.

A proposta deste trabalho é, considerando o aumento das solicitações de serviços de tradução técnica de informática no Brasil, destacar a relevância da padronização terminológica para garantir um produto final (isto é, documentação técnica ou software) coerente e de boa qualidade.

A hipótese aqui defendida é que existe uma necessidade real de padronização na tradução dos termos técnicos de informática para que a multiplicidade de nomes para o mesmo conceito não fuja ao controle dos tradutores, o que poderia comprometer o entendimento dos usuários finais. O meio utilizado para demonstrar que a padronização terminológica é mesmo necessária para a tradução técnica de informática e que as ferramentas tecnológicas auxiliam nesse objetivo é a pesquisa em revistas especializadas na área, manuais técnicos e a dedução baseada na observação de profissionais que trabalham há anos nesse mercado.

Esta monografia está dividida em dois capítulos. O primeiro faz uma breve introdução à atividade tradutória de forma geral (isto é, tradução literária e não literária); trata das escolhas terminológicas: a questão da (in)traduzibilidade e o eterno dilema sobre o que pode ou não ser traduzido; a seguir, discorre sobre a dificuldade de se traduzir termos técnicos relacionados a novas tecnologias e de se encontrar correspondentes adequados na língua portuguesa; e fala sobre como as invenções tecnológicas avançam em passos muito mais velozes do que o registro oficial da língua é capaz de acompanhar. Procura mostrar como a tradução técnica de informática está atrelada às escolhas terminológicas.

O segundo capítulo discorre sobre o crescimento do mercado de tradução de informática no mundo e a importância das ferramentas auxiliares - como os glossários, os tradutores automáticos e as memórias de tradução - na uniformização do vocabulário, apontando as contribuições dessas ferramentas para assegurar a coerência da terminologia na documentação técnica.

Capítulo Um:
A tradução técnica de informática
& a terminologia

1.1 A questão da (in)traduzibilidade

Antes de falar especificamente sobre tradução técnica de informática, há de se considerar a tradução como uma atividade mais abrangente, que permeia todas as áreas do saber. Traduzir é, em essência, dizer em uma língua o que foi inicialmente dito em outra. É comunicar usando um sistema de códigos diferentes, levando em consideração a cultura, a história, o uso lingüístico.

Diz-se que traduzir é uma das atividades mais antigas da humanidade. Acerca da tradução convivem, há muito tempo, dois discursos contraditórios: um deles a retrata como uma atividade não só possível como banal; outro, como uma atividade impossível e, portanto, ilegítima. Segundo o teórico George Steiner, apesar da vasta história da teoria da tradução, o número de idéias originais e significativas sobre o assunto permanece bastante reduzido. Depois de mais de dois mil anos de discussões e argumentações, as crenças e as discordâncias a respeito da natureza da tradução têm sido praticamente as mesmas, desde Cícero até os nossos dias. A questão principal e constante é se a tradução é mesmo possível.

Antes da lingüística estruturalista, a noção geral de tradução, desde o tempo de Platão, era de que cada palavra possuía um equivalente em outra língua. Assim, a tradução seria uma atividade não só possível, como fácil e banal. Bastaria transpor, uma a uma, cada palavra da língua-fonte para a língua-alvo. Daí vem a metáfora do trem: os vagões seriam a língua, e as cargas do vagão seriam as palavras; bastaria, assim, transpor as cargas (palavras) da língua de partida para o vagão da língua de chegada para se obter o mesmo efeito em ambas as línguas.

O lingüista Ferdinand de Sausuure (1857-1913) contrariou a concepção ingênua de que as línguas seriam meras variações de expressões que remeteriam a significados universalmente válidos e estáveis. Assim, as línguas naturais delimitariam aspectos de experiências vividas por cada povo, e estas experiências, como as línguas, não coincidiriam, necessariamente, de uma região para outra. A metáfora usada pela lingüística estruturalista é a dos signos como uma folha de papel: todos possuem duas faces, inseparáveis, a do significante e a do significado.

É verdade que Cícero, considerado o maior prosador romano e o que mais influenciou os oradores modernos, já havia chamado a atenção, em 46 a.C., em seu *Libellus de optimo genere oratorum*, para que a tradução não fosse feita *verbum pro verbo*. Depois dele, outros tradutores reiteraram a observação. Mas a guinada se deu mesmo com Saussure, para quem, em diferentes culturas/línguas, as divergências seriam tantas que impossibilitariam sua compreensão quando traduzidas. De atividade banal, a tradução passou a ser vista como uma atividade ilegítima ou inviável, já que impossibilitaria transmitir o mesmo conteúdo que o original.

Saussure sugeriu o estudo de cada língua associada à sua cultura. Os lingüistas estruturalistas concluíram, então, que nenhuma língua poderia expressar, com inteira fidelidade, senão a sua própria cultura, e que o tradutor falha, lamentavelmente, quando pretende traduzir a língua (e a cultura, nela implícita) de uma outra sociedade. Ainda que fosse possível usar palavras "equivalentes" às do original, não haveria como garantir que a tradução tivesse o mesmo efeito sobre os leitores da cultura-alvo.

A linguagem está intimamente ligada à cultura. Sabe-se que os esquimós, por exemplo, dispõem de mais de uma dezena de variações para denominar a cor branca, tão presente no meio onde vivem, por causa da neve e do gelo. Isso não impossibilita, contudo, a tradução; é certo que a dificulta, tornando-a mais difícil.

Passou-se a conviver com dois discursos opostos: um encarando a tradução como atividade banal, de transposição de equivalências, que poderia até vir a ser mecânica ("translation machines"); o outro pregando a impossibilidade da tradução, por ser tratar de atividade ilegítima ("tradutor traidor"). Os defensores dessa última idéia – os lingüistas estruturalistas – acreditam serem tantas as diferenças entre as sociedades que pessoas de

outras línguas não seriam capazes de compreendê-las. Num exemplo hipotético, quem vivesse isolado no deserto não teria vocabulário suficiente para designar variações de vegetação de florestas. O tradutor, por sua vez, como não dispõe de correspondentes exatos, seria obrigado a aproximar os termos. Não estaria, assim, sendo fiel à idéia original. Daí a noção de traição, de infidelidade, de rompimento com o texto inicialmente concebido.

A respeito da questão da (in)traduzibilidade, Georges Mounin diz que a atividade da tradução suscita um problema teórico para a lingüística contemporânea, porque, se aceitarmos as teses correntes sobre a estrutura dos léxicos, das morfologias e das sintaxes, seremos levados a afirmar que a tradução deveria ser impossível. No entanto, os tradutores existem, têm produzido textos há centenas de anos, trazem ao conhecimento de outros povos o saber de culturas diferentes, enfim, fazem parte de uma realidade concreta que não pertence a nenhuma das duas correntes acima mencionadas.

Um discurso mais realista e positivo sobre o exercício da tradução é o pós-moderno ou pós-estruturalista (década de 1970 em diante), que entende o traduzir não como o repetir, mas como o aproximar. Assim, o tradutor que pensa estar dizendo **o mesmo** em outra língua será frustrado, porque o que ele precisa entender é que, no máximo, ele conseguirá dizer **algo muito próximo do texto original**.

Os Estudos Descritivistas da Tradução (Descriptive Translation Studies – DTS) causaram uma mudança na forma de ver a tradução, desenvolvendo uma linha normativa e prescritiva. A tradução técnica começou a ganhar espaço, ao mesmo tempo em que o número e a variedade de traduções aumentaram enormemente. A tradução passou a ser tratada de uma forma mais pragmática (não só para fins estéticos). Houve uma "virada funcional" e passou-se a considerar a finalidade a que se destinava. Chega-se ao ponto em que a tradução técnica não é uma arte, mas uma atividade comercial, que exerce uma função prática e imediata na sociedade: o fornecimento de informações especializadas.

1.2 Domesticação x estrangeirização

Levando-se em conta as diferenças entre as culturas, ao tradutor é proposta a questão de definir como esses mundos heterogêneos poderão compreender-se. Esse discurso mediador leva-nos a uma outra questão crucial nos estudos da tradução: se ela deve ser domesticadora, procurando transformar as heterogeneidades culturais em elementos familiares à cultura-alvo, ou se ela deve ser estrangeirizadora, mantendo os elementos estranhos da cultura-fonte de forma a provocar uma sensação de exótico nos leitores. O teórico Friedrich Schleiermacher, há quase duzentos anos, deu duas sugestões para esse dilema: ou o tradutor leva o leitor ao escritor, esmiuçando e modificando o texto de modo que ele se aproxime da cultura-alvo, ou deixa os elementos estranhos da cultura-fonte de forma que o leitor precise fazer um esforço maior para se aproximar do escritor.

Ora, Schleiermacher publicou suas idéias em 1813, especificamente pensando na tradução literária, em uma época em que a tradução técnica mal existia. No entanto, pode-se tomar seus ensinamentos como base para começar a analisar as características da tradução técnica. Enquanto a tradução literária permite a opção entre as abordagens estrangeirizadora e domesticadora, à tradução técnica de informática não resta escolha senão adotar a segunda abordagem, já que se trata de um tipo muito específico de leitura em que a comunicação é o principal objetivo.

O próprio Schleiermacher (p. 52), no início do século XIX, reconhecia que a tradução era uma questão de necessidade para um país em que somente uma pequena parcela da população detém conhecimentos suficientes de outras línguas e em que, ao mesmo tempo, um número significativo de pessoas está disposto a conhecer trabalhos estrangeiros. Ao transportar tal afirmação para a época atual e dirigir o foco para os manuais técnicos de informática, reconhecemos que existe uma necessidade real de entender as informações da máquina ou software importado, sem o que o leitor/consumidor talvez (dependendo de sua familiaridade com o produto) não será capaz de fazê-lo funcionar.

1.3 O papel da terminologia na tradução técnica de informática

A Terminologia é uma ciência interdisciplinar de natureza lingüística - lingüística aplicada -, da qual fazem parte a semântica, a lógica, a lexicografia, a ciência da informação e da classificação, e a informática. É um método específico de trabalho lingüístico pelo qual se identificam e se limitam os conceitos de uma determinada área científica, tecnológica ou de atividade e se investigam as denominações adequadas desses conceitos. O trabalho dos terminólogos é coletar e classificar os termos, criar neologismos (quando necessário), promover a padronização e a difusão desses termos.

A Terminologia é bastante relevante para a prática tradutória, especialmente no segmento de informática, que cresce em uma velocidade maior do que a língua é capaz de assimilar. São tantos os novos termos que não são raras as vezes em que eles são incorporados à língua portuguesa da forma em que chegam aqui – em inglês – e apenas mais tarde recebem (ou não) uma tradução. Batizar o termo de uma área nova é tarefa um tanto árdua, porque a tradução pode soar artificial e pode comunicar menos do que a palavra no original. Só o uso consagra um neologismo. No entanto, cabe ao tradutor, um profissional da língua, segurar as rédeas dos estrangeirismos, evitando que o nosso idioma pátrio seja uma versão mal falada da língua inglesa. Sabe-se que a língua, apesar de conter um conjunto de regras – por vezes arbitrárias – é viva e se transforma com o tempo. Como as instituições oficiais demoram mais tempo para assimilar as transformações do que o povo, parte da responsabilidade de como os termos chegarão ao mercado recai sobre os tradutores, que fazem pesquisas em consulta com técnicos e especialistas, para estabelecer uma linha terminológica nas publicações técnicas.

Enquanto a tradução literária permite ao tradutor exercer sua criatividade na escolha de termos e no uso de sinônimos, a tradução técnica de informática visa a delimitar a atribuição de traduções para cada termo. Aqui, menos é melhor. O ideal é, quando possível, atribuir uma única tradução a cada termo e usá-la do início ao fim da documentação, sempre da mesma forma, para assegurar a exatidão e a uniformidade dos textos e não comprometer a sua compreensão.

Ao tradutor técnico de informática não cabe "inventar" palavras, mas compreender o sentido de cada termo no contexto em que aparece e procurar um correspondente em português. Há casos em que realmente é muito difícil encontrar um termo com significado aproximado, dada a inexistência do conceito na língua portuguesa. Isso acontece com alguma freqüência. O verbo "print", por exemplo, foi perfeitamente traduzido como "imprimir", porque já havia o conceito de impressão em offset e impressão digital. Embora alguns representantes técnicos ainda resistam usando o jargão "printar", é consenso que "imprimir" está mais do que consagrado pelo uso. No entanto, há conceitos que não são tão simples. O do verbo "scan", por exemplo. Encontram-se no mercado as traduções "varrer", "digitalizar", "scanear" e "escanear", entre outras. A questão é que o Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa (VOLP) não registra as formas "scanear" e "escanear", mais usadas na linguagem oral. No entanto, o mesmo VOLP registra o substantivo "scanner", um equipamento que digitaliza um original e reproduz a sua imagem eletrônica. O mercado não usa o substantivo "digitalizadora" para a máquina, e sim "scanner". Mas, embora a ABL reconheça o substantivo, ela não fornece um verbo para descrever o que o equipamento faz. Se a impressora imprime, o que faz o scanner? Por enquanto, digitaliza.

Observa-se um crescimento tão rápido no mercado de informática e, conseqüentemente, uma avalanche de novos termos, que aos consumidores custa assimilar todas essas novidades. O fato incontestável é que a língua anda mais rápido do que a sua normatização, isto é, os novos termos circulam pela sociedade muito antes de serem devidamente registrados em dicionários. Não é possível estar sempre registrando os novos termos, até porque eles precisam de tempo para se incorporarem à língua. E toda intervenção lingüística, uma vez efetivada, passa a sujeitar-se às instabilidades, às mutações e às transformações, no tempo e nos espaços (geográfico, social, situacional e individual) em que as terminologias são empregadas (AUBERT, 1996, p. 14).

Considerando-se o exposto acima, pode-se perceber que a natureza da linguagem humana impõe algumas limitações à terminologia padronizadora. A padronização (isto é, unificação de termos traduzidos ao longo de todos os documentos) e a neologia (emprego de palavras novas, principalmente os anglicismos, na área da informática) são sempre possíveis, mas a neologia anglicizante, em especial aquela que simplesmente "importa" termos estrangeiros tal como são, acaba surgindo como algo não

planejado, que fugiu ao controle do esforço padronizador dentro da língua portuguesa. É isso que o tradutor da área técnica precisa ter em mente, porque se não houver essa preocupação com a domesticação (ou "abrasileiramento", ou ainda "naturalização", segundo Paulo Rónai) dos novos termos, o emprego do inglês ou de expressões maquiadas do inglês (radical do inglês + sufixo do português, como "printar", por exemplo) passará a ser mais a regra do que a exceção.

Há um fundamento prático em tudo isso. Existe uma necessidade de padronização dos termos técnicos porque a diversidade descontrolada de nomes para o mesmo conceito pode fugir do controle social e prejudicar a compreensão dos usuários. É a padronização que garante a compreensão do texto e dos demais usuários da linguagem técnica entre si. No entanto, será sempre necessário reavaliar as escolhas e suas adequações aos avanços científicos e tecnológicos, já que os termos não são usados isoladamente, eles circulam e exercem sua função na sociedade. Para ser aceita pelos usuários da área técnico-científica, a padronização precisa usar como principal critério a adequação dos termos às finalidades que se destinam.

Para a professora Maria Candida Bordenave:

> "O aparecimento de novas invenções, fatos e processos constitui o contexto que exige o desenvolvimento da área terminológica na sua teoria e a multiplicação dos trabalhos de pesquisa. A terminologia surge como instrumento de demarcação, organização e hierarquização dos conceitos e suas denominações, contribuindo para a melhor comunicação e eficiência dos cientistas, estudiosos e usuários de áreas da ciência, tecnologia, artes, cultura, e atividades humanas em geral." (BORDENAVE, 1990, p.3)

1.4 O vocabulário oficial da ABL

O Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa (VOLP) é uma publicação de responsabilidade legal da Academia Brasileira de Letras (ABL) que contém, basicamente, a grafia e a classe gramatical de palavras da língua portuguesa. Ele não contém o significado das palavras, como um dicionário o faz, mas registra termos que ainda não chegaram aos dicionários. O VOLP brasileiro toma por base o VOLP da Academia das Ciências de Lisboa, edição de 1940, observando como critérios, entre outros, a inclusão de brasileirismos consagrados pelo uso, a inclusão dos estrangeirismos e

neologismos de uso corrente no Brasil e necessários à língua de forma geral, e a fixação da grafia de vocábulos cuja etimologia ainda não está perfeitamente demonstrada, consignando-se em primeiro lugar a de uso mais generalizado.

Em 1998 houve uma revisão da primeira edição do Vocabulário Ortográfico (1981), com a inserção de cerca de seis mil novos vocábulos, em geral relativos ao desenvolvimento científico e tecnológico. “As mudanças nessa área são muito rápidas, caminhamos com velocidade para a Sociedade da Informação, como desconhecer a repercussão disso em nosso universo vocabular?” (Apresentação do VOLP, 1988)

Aguarda-se a ratificação de um Acordo Ortográfico entre a Academia de Letras do Brasil, a Academia das Ciências de Lisboa e mais cinco nações da comunidade lusófona (Angola, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Moçambique e São Tomé e Príncipe) para a superação das diferenças existentes entre o português falado nesses países, consolidando a ortografia em um Vocabulário Ortográfico Unificado da Língua Portuguesa.

A última edição do VOLP incorporou algumas dezenas de termos da informática, reforçando a tendência de assimilação de palavras associadas a novas tecnologias. Era de se esperar.

> “Não devem ser desprezados os estrangeirismos para os quais não há correspondentes na língua portuguesa. Vivemos uma época de profundas transformações em todos os ramos do saber e da técnica, numa extraordinária concentração de termos novos, já institucionalizados. Ou os dicionários e os vocabulários se ajustam à sua época, ou correm o risco de se tornarem obsoletos e, conseqüentemente, rejeitados.” (VOLP, Nota Explicativa, 1998)

Uma pesquisa mais detida nas páginas do VOLP revela que termos emprestados do inglês, bastante usados na área técnica, fazem parte da língua portuguesa. Alguns estão registrados desde a primeira publicação, de 1981: bit, buffer, clicar, display (subst.), drive (subst.), frame, game, input (subst.), interface, links, output e plotar. Outros foram adicionados na segunda edição, de 1998: deletar, design (subst.), e-mail, hardware, host (subst.), internet, scanner, software e web. Contudo, o simples fato de estarem registrados oficialmente não significa, necessariamente, que a tais termos não haja um

correspondente em nossa língua. Na verdade, quase todos podem ter uma tradução apropriada. Estudemos o levantamento feito na tabela a seguir:

Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa (VOLP)

Análise de alguns termos da área técnica de informática

Termo técnico	Está registrado no VOLP?		Ocorrências de uso na área técnica de informática
	Sim	Não	
bit	x		bit
boot (v.)		x	dar um boot; inicializar; reinicializar
buffer	x		Buffer; memória intermediária
clic	x		clique
clicar	x		clicar; dar um clique
clique	x		clique
default		x	default; padrão
deletar	x		deletar; excluir; apagar
design (subst.)	x		design; projeto
desktop		x	desktop; área de trabalho
display (subst.)	x		display; visor (para máquinas); vídeo/monitor (informática)
download (v.)		x	fazer download; carregar (para fontes); transferência
drive	x		drive; unidade; unidade de disco
e-mail	x		e-mail; correio eletrônico
escanear		x	digitalizar
fac-símile	x		fac-símile
fax		x	fax
firmware		x	firmware
frame	x		frame (para hardware); quadro (software)
game	x		game; jogo
hardcopy		x	hardcopy; cópia impressa; papel; impressão
hardware	x		hardware
help		x	help; ajuda
home page		x	home page; página inicial
host	x		host; computador central; computador principal
input (subst.)	x		input; entrada
interface	x		interface

Termo técnico	**Está registrado no VOLP?** **Sim**	**Não**	**Ocorrências de uso na área técnica de informática**
internet	x		internet (com inicial maiúscula)
job	x		job; trabalho; tarefa
layout	x		layout; desenho; plano
link (subst.)		x	conexão; vínculo (para imagens); link (em arquivos de help; na web)
links (subst.)	x		veja acima
modem		x	modem
moden	x		parece um erro do VOLP: deveria haver um “m” no lugar do “n”
mouse		x	mouse
output (subst.)	x		output; saída; resultado
plotar	x		plotar; fazer plotagem
plotter		x	plotter
prompt (subst.)		x	prompt; aviso de comando; prompt de comando
scanear		x	digitalizar
scanner	x		scanner
set (subst.)	x		conjunto; jogo (de cópias)
site		x	site (da web)
slide	x		slide
slot		x	slot (para placa de memória); entalhe (para fenda, abertura de máquina)
smart	x		inteligente
software	x		software
status	x		status; estado
string		x	string; cadeia; seqüência (de texto, caracteres)
tag (subst.)		x	tag
template		x	template; modelo
upgrade		x	upgrade; atualização
upload (subst.)		x	upload; carregamento
web	x		Web (normalmente com a inicial maiúscula)
zip (subst.)		x	zip; compactação (de arquivos)
zip drive		x	zip drive; drive de zip; unidade de zip

Detenhamo-nos em alguns exemplos. A palavra “buffer” pode e é freqüentemente traduzida como “memória intermediária”. O caso de clicar é bem-vindo,

pois forma um verbo bem encaixado na estrutura do português, inclusive derivado de um substantivo que já existia ("clique"). A palavra "design" pode ser "projeto", embora já bastante utilizada, na Arquitetura principalmente; "display" pode ser o visor de uma máquina; em Marketing, já está consagrado seu uso em inglês, no sentido de "mostruário"; "drive" pode ser, sem problemas, "unidade" ou "unidade de disco"; "e-mail", embora consagrada pelo uso, pode ser "correio eletrônico", em oposição ao tradicional correio via postal; "frame" pode ser "moldura" em algumas situações; "game" é "jogo".

O caso de "hardware" também é bem-vindo, significa a parte física da máquina, em oposição a "software", a parte lógica; existe uma tradução para "hardware" - "ferragens" - geralmente não adotada pelos tradutores. "Host" é "computador central"; "input" é "entrada". "Interface", "internet" e "layout" também são amplamente utilizados como no inglês; "layout" pode ser "disposição" também. "Links" podem ser "vínculos", mas é outro caso em que o uso consagrou o termo; quase não se ouve falar em "vínculos" de uma página da web. "Output" pode ser "saída", em oposição a "input/entrada". O verbo "plotar" é um caso curioso, porque o VOLP não registrou o substantivo "plotter", a máquina que "plota" ou "faz plotagem" (embora tenha registrado o substantivo plotador); lembremo-nos que há um exemplo oposto, o do verbo "escanear", que não foi registrado, embora o substantivo "scanner" tenha sido. Dois casos que parecem desnecessários são "set" e "smart", perfeitamente traduzidos como "jogo" e "inteligente".

"Software" foi incluído em boa hora, embora o VOLP não tenha oferecido uma solução para uma discussão na área, que é a dúvida de como se deve usar esta palavra no plural. No inglês ela não leva um "s" no plural, assim como "silverware". E no português? Os cadernos de informática usam com "s", "softwares", o que gera um questionamento sobre a liberdade que a nossa língua tem para modificar o inglês; uma solução paliativa, para não soar estranho em português ("os software") seria usar a forma "os aplicativos de software".

Há ainda o caso de palavras abundantemente usadas na área técnica de informática que não foram registradas no VOLP, tais como fax, firmware, modem e mouse. O português brasileiro não oferece – pelo menos por enquanto – traduções para elas. O português de Portugal chama "mouse" de "rato", e "base do mouse" de "aeroporto de rato". Aliás, a linguagem técnica do português de Portugal é bem diferente da

linguagem do português do Brasil, tanto que se fala em tradução de manuais de uma língua para a outra. Algumas diferenças curiosas são: agrafar (grampear), desencravar (retirar atolamentos), ficheiro (arquivo), premir (pressionar), prima (pressione); amolgar (amassar), ecrã/ecran (tela), ecrão (visor) e encravamento (atolamento).

Essa pesquisa no VOLP dos termos traduzidos com mais freqüência no segmento de informática mostra-nos o quanto o português brasileiro vem absorvendo palavras novas bastante específicas da área. Elas ora aparecem em inglês, conforme o original, ora traduzidas de forma já bastante conhecida entre os usuários de software e equipamentos periféricos. Mais do que apontar a forma na qual as palavras foram registradas, interessa-nos aqui ressaltar a importância de se pensar a tradução de textos de uma área tão rica e em crescimento. Há de se limitar as possibilidades de tradução e privilegiar uma para cada termo.

A tradução técnica, por natureza, requer a padronização da terminologia. Dentro de uma mesma empresa costuma-se fazer a opção por certos termos em detrimento de outros, ainda que os preteridos sejam tecnicamente corretos. Enquanto na tradução literária isso denotaria falta de riqueza vocabular, na tradução técnica tal prática se faz necessária para garantir a coerência de toda a documentação, sem o que o leitor/cliente poderia ficar confuso e não conseguir seguir os procedimentos listados.

Capítulo Dois:
Padronização da terminologia
& ferramentas auxiliares

2.1 O mercado da tradução de informática

O mercado da tradução técnica de informática movimenta, anualmente, mais de 20 bilhões de dólares em todo o mundo (*Multilingual Computing & Technology*, março de 1997, p. 28), cabendo ao Brasil uma fatia de 30 milhões de dólares (*Exame*, fevereiro de 1999, p. 12). Ele se transformou numa atividade altamente tecnológica, posto que a indústria necessita de lançamentos de produtos mundiais e simultâneos, localização de software e tradução de documentos nos sites da Web. A Microsoft, gigante da informática, só faz negócios com firmas de tradução que dispõem de recursos para a tradução de software (só o Windows 95 está localizado em mais de 40 idiomas). A Microsoft não é exceção à regra; seguindo a mesma tendência estão as outras empresas grandes do mercado, como a Lotus, a IBM, a Lexmark e a Sun Microsystems.

Os números revelam o crescimento do mercado de informática/ tradução nos Estados Unidos: enquanto em 1990 traduzia-se vinte por cento da documentação em 30 línguas diferentes, a estimativa é que até 2005 sessenta por cento dos documentos do setor sejam traduzidos em 80 línguas (*Multilingual Computing & Technology*, agosto de 1997, p. 29).

A rede Wal-Mart pôde constatar o poder desse mercado em 1994, quando expandiu para o Canadá e para o México sem uma estratégia de tradução viável. Após adquirir 122 lojas no Canadá, a Wal-Mart distribuiu milhares de folhetos promocionais escritos somente em inglês no Quebec, onde o principal idioma é o francês, contrariando as leis da província e causando um protesto cultural. Embora representantes da empresa tenham se desculpado, repetiram novamente o erro no México, no mesmo ano, violando regulamentações recentes de importação, as quais requeriam que todos os bens manufaturados importados tivessem etiquetas em espanhol. A loja da Cidade do México

foi fechada por um dia, até que fossem afixadas etiquetas adequadas para quase quatorze mil produtos. Imediatamente a empresa contratou dezenas de pessoas para realizar a tarefa. A lição que se tirou de tal episódio foi que as empresas teriam que aderir às regulamentações do comércio, sob pena de prejudicar seus negócios. E essa é uma tendência mundial.

Segundo Emmanuel Uren (*Software Internacionalization and Localization*, 1993), os Estados Unidos têm um papel tão dominante no desenvolvimento de hardware e software que muitos usuários que não são daquele país estão acostumados com o inglês americano usado na linguagem de computadores. Assim, vários termos técnicos são usados sem tradução. Mas isso acaba acarretando dois problemas para os usuários que não falam inglês, o desconhecimento do software e a dificuldade para compreender a língua estrangeira.

Em 1998, num workshop realizado pelo EAMT (European Association for Machine Translation), com o objetivo de explorar a praticidade de se usar software de tradução e outras ferramentas eletrônicas de tradução em empresas, salientou-se que a tradução precisa ser encarada pelas gerências como algo positivo para a promoção e venda de produtos da empresa. Como os mercados são globalizados, e os mesmos produtos são vendidos em praticamente todo o mundo, a demanda pela tradução tem crescido em proporções geométricas, já que é preciso fazer os consumidores entenderem as etiquetas, as embalagens, as instruções de uso, as especificações e os manuais. Como visto anteriormente, as próprias legislações nacionais contribuem para incrementar o mercado de tradução.

Embora alguns especialistas prevejam a insuficiência de mão-de-obra especializada no mercado de tradução de informática nesta década, outros apostam na retração do volume de trabalho graças ao uso das memórias de tradução, que agilizam o trabalho do tradutor e, por isso mesmo, possibilitam a redução do número de profissionais contratados para o mesmo volume de trabalho. É difícil calcular. O fato é que, na mesma proporção em que a demanda por tradução cresce, também aumenta o número de ferramentas disponíveis no mercado para facilitar a atividade do tradutor.

2.2 Glossários e outras fontes de referência

A preocupação com a padronização terminológica é constante e permeia todas as etapas da tradução técnica. Se o trabalho for muito grande e o prazo, curto, ele será dividido entre vários tradutores, o que faz redobrar os cuidados com a padronização, já que cada tradutor tem seu próprio estilo e preferências vocabulares.

Em relação ao estilo, a demanda é por textos diretos e objetivos, curtos, de fácil compreensão, que evitem o uso da voz passiva e das repetições, tão comuns na língua inglesa, como no exemplo a seguir (extraído do Guia do Usuário do WorkCentre Pro 555, 575, um equipamento multifuncional da Xerox do Brasil):

> **Original**: "If the *paper* is jammed partway through the *Paper* Exit Guide, open the *paper* Exit Guide and remove the jammed *paper*."
>
> **Tradução mantendo as repetições do original**: "Se o *papel* estiver atolado no trajeto da Guia de Saída do *Papel*, abra a Guia de Saída do *Papel* e remova o *papel* atolado."
>
> **Tradução cortando as repetições**: "Se o *papel* estiver atolado no trajeto da Guia de Saída, abra-a e remova o atolamento."

A padronização terminológica é garantida por meio da confecção de glossários, compartilhados com os demais integrantes da equipe envolvida no mesmo projeto. O glossário é a ferramenta de consulta mais elementar do tradutor. É ele que informa a tradução dos termos desconhecidos, mais até do que os dicionários especializados. O uso de um glossário bem elaborado pode poupar horas de pesquisa, além de garantir a qualidade do texto final. Para confeccioná-lo, despende-se tempo, mas, uma vez pronto, ele se transforma em um aliado do tradutor, sendo de grande utilidade para futura referência.

Um glossário típico é composto de uma tabela com duas colunas, uma com os termos listados na língua-fonte e outra com seus equivalentes na língua-alvo. Pode-se usar uma terceira coluna para comentários e dúvidas. Abaixo, segue um exemplo comum de glossário de termos técnicos de informática:

Inglês	Português	Observação
Access and Accounting button	Botão Acesso e Contabilidade	Glossário da Lakes; p.2
Add New	Adicionar Novo	p. 11; (masc. = usuário)
Atuhentication Mode button	Botão Modo de Autenticação	Glossário da Lakes; p.2
CentreWare Print Services	Serviços de Impressão do CentreWare	p.1; nome do software
Configuration Menu	Menu Configuração	p. 4
Devices tab	Guia Dispositivos	p. 5
Document Defaults	Padrões de Documento	p. 14
Exit Tools button	Botão Sair de Recursos	Glossário da Lakes; p.3
Expiration Date	Data de Expiração	p. 8, 12; campo
Features button	botão Funções	p. 13 – glossário da Lakes
File name entry box	Caixa entrada do nome do arquivo	p. 16
IP Address	Endereço IP	p. 5; campo
Job Submission window	Janela Envio de Trabalho	p. 15
Printer Setup button	Botão Configurar Impressora	p. 17
Reports Wizard	Assistente de Relatórios	p. 16, 17; não encontrado no pacote de mensagens
Run reports	Imprimir relatórios	p. 1, 15, 17
Set Budget button	Botão Definir Orçamento	p. 9
Set Costing button	Botão Definir Custos	p. 10
User Preferences	Preferências do Usuário	p. 14

O glossário acima contém termos que se referem especificamente à interface com o usuário de um software. Isso significa que, enquanto lê as instruções do manual, o usuário acompanhará as telas que aparecerão no monitor do microcomputador diante do qual está sentado. Ora, partindo-se do princípio de que, via de regra, só lê o manual a pessoa que tem dúvidas sobre os procedimentos (pois se soubesse resolver sozinha não precisaria do manual), faz-se necessário ter o máximo de cuidado para que as traduções da documentação correspondam exatamente às que aparecem na interface do programa.

Ilustremos o exposto acima com um exemplo. Tomemos do glossário a expressão “Job Submission window”, traduzida como “janela Envio de Trabalho”. Se, em determinado momento, o usuário estiver confuso e resolver utilizar o manual para auxiliá-lo, ele naturalmente procurará na tela do micro o que a documentação lhe indicar. Assim, suponhamos que o tradutor não tenha consultado os glossários recebidos, nem os arquivos de ajuda ou qualquer outro material de apoio para o produto, porque o prazo de entrega era urgente ou por qualquer outro motivo. Imaginemos que ele tenha atribuído uma outra

tradução qualquer (“janela Submissão de Tarefa”, por exemplo), embora correta do ponto de vista lingüístico. Se o usuário estiver confuso sobre o procedimento, ele lerá “janela Submissão de Tarefa” no manual, verá “janela Envio de Trabalho” na tela e muito provavelmente não associará as duas coisas como sendo duas traduções possíveis para o mesmo termo em inglês. Ele ficará ainda mais desnorteado, fechará o manual contrariado e tentará encontrar alguém que lhe ensine pessoalmente o procedimento.

Não raro nos deparamos com situações desse tipo, em que as pessoas reclamam que os manuais são pouco esclarecedores. Talvez seja falta de paciência para ler as informações. Mas talvez parte da dificuldade na compreensão esteja na tradução dos textos técnicos. É muito importante considerar o público-alvo da documentação técnica. São pessoas que não sabem exatamente como realizar uma determinada tarefa e, no corre-corre do dia-a-dia, abrem um manual ou um arquivo de ajuda (em formato eletrônico) para solucionar seus problemas. Se o texto estiver denso, truncado, traduzido de qualquer jeito, haverá um ruído a mais na comunicação entre o usuário e a máquina que estiver operando e/ou o software que estiver usando.

Daí a importância da padronização. Se o tradutor chamar a expressão “Job Submission window” de “janela Envio de Trabalho” no início do manual, deverá chamá-la assim na documentação inteira (guias de instalação, guias do usuário, guias do administrador do sistema, manuais do operador, guias de referência rápida, guias de utilização de materiais etc.), sob pena de dificultar a comunicação com o leitor.

O maior desafio para os tradutores é exatamente conseguir manter a padronização em tantas documentações relacionadas entre si, quando a prática do mercado é não só distribuir os vários manuais de um mesmo projeto para tradutores diferentes, mas também fragmentar os manuais em capítulos e enviar os arquivos para diversos tradutores, a fim de agilizar a entrega dos trabalhos. Tal prática é incentivada pelas empresas que requisitam os serviços de tradução, porque também elas têm interesse em que os prazos estipulados sejam cumpridos à risca. Esse é o dilema do tradutor: conseguir conciliar a prática do mercado – prazos curtos, muita pressa – com a necessidade de padronização e a cobrança por trabalhos de boa qualidade.

Na área técnica existe muita repetição. Novos produtos são lançados com freqüência regular, mas geralmente as empresas fazem esses lançamentos mais por uma questão de marketing do que por necessidade. Lançamentos colocam o produto em evidência e não deixam que os consumidores se esqueçam dele, por isso a prática do mercado é fazer uma "maquiagem" do produto, adicionando novos recursos aqui e ali, mas aproveitando a idéia original. Daí os manuais serem tão parecidos, o que possibilita consultas a documentações publicadas anteriormente.

O gerenciamento das fontes de referência é uma prática de extrema importância no processo de tradução técnica. Traduções feitas anteriormente sobre o mesmo assunto são uma fonte útil de vocabulário e enquadram o texto de acordo com os requerimentos do cliente. Além dos glossários e das publicações anteriores sobre o mesmo tema, outros materiais de apoio utilizados são os dicionários – monolíngües e bilingües -, tanto em papel quanto os eletrônicos, disponíveis na Internet. É importante também que o tradutor disponha de um contato dentro da empresa, para tirar-lhe as dúvidas sobre as informações técnicas mais específicas – a chamada validação. Existem, ainda, ferramentas desenvolvidas especialmente para facilitar a tradução, diminuir custos e reduzir prazos: os tradutores automáticos e as memórias de tradução.

2.3 Tradutores automáticos

As pesquisas sobre a tradução mecânica começaram na década de 1940, com a chamada "corrente moderna", quando acadêmicos e críticos russos e tchecos, herdeiros da escola formalista, aplicaram a teoria da lingüística e a estatística à tradução. Tentou-se mapear as relações entre a lógica formal e os modelos de transferência lingüística; a lingüística estrutural e a teoria da informação também fizeram parte de discussão sobre as trocas entre as línguas. Foi uma época de intenso movimento na área, quando os tradutores profissionais começaram a se organizar internacionalmente e foram lançadas várias publicações especializadas. Foi após a Segunda Guerra Mundial que os organismos internacionais começaram a se fortalecer, e com eles a necessidade de traduzir documentos em diversas línguas. A tradução automática viria atender a esse aumento na demanda, possibilitando a rápida compreensão dos textos, senão de forma integral, pelo menos parcial, dando uma idéia sobre o conteúdo das atas, memorandos e contratos. A

primeira experiência com tradução automática se deu em 1954, com a participação de lingüistas da Universidade de Georgetown.

A área técnica por vezes faz uso da tradução mecânica ou automática. Os manuais são rodados no programa de tradução primeiro, depois passam pela tradução "humana", para só depois serem revisados e validados. Para cada entrada em inglês, o software de tradução possui uma correspondente em português. Segue abaixo um exemplo de como funciona o banco de dados do Systran – um software de tradução bastante conhecido, desenvolvido pelo Departamento de Defesa dos Estados Unidos, na década de 1970, com a finalidade primeira de traduzir rapidamente as informações em russo:

Inglês	**Português**
Abrasive	Abrasivo
Abrasive cloth	Abrasivo
AC	AC
AC and DC harness	Chicote de fios de AC e DC
AC and DC power	Alimentação de AC e DC
AC hot	Fase de AC
Cleaning absorbent	Absorvente de limpeza
high voltage AC power supply	Fonte de alimentação de alta tensão de AC

A tradução automática serve, muitas vezes, para adiantar o trabalho do tradutor no que se refere principalmente a termos técnicos, como a tradução do nome de peças e ferramentas. Se bem manipulada, ela pode se tornar uma ferramenta útil. Mas, para chegar a esse ponto de eficiência, é preciso que o banco de dados do software seja continuamente alimentado ao longo dos anos. Sem isso, o software mais atrapalha do que ajuda, podendo mesmo induzir a erros, principalmente de estilo e de fluência. Ele não é capaz de reconhecer certas nuances da língua, como a flexão de pessoa ou de gênero, tampouco processar estruturas mais informais, nem deduzir pensamentos ou escolher os termos certos em contextos diferentes. Os exemplos abaixo foram retirados de um manual dirigido para o treinamento de técnicos e ilustram as traduções feitas por dois programas de

tradução automática, o Systran e o Power Translator Pro, comparadas com a feita por um tradutor “humano”:

Inglês	**Português (Systran)**	**Português (Power Translator Pro)**	**Português (“humano”)**
At the end of each module	Na extremidade de cada módulo	Ao término de cada módulo	No fim de cada módulo
Controlling your time	Controle da sua vez	Controlando seu tempo	Controle do seu tempo
Use your time well	Use sua vez bem	Use bem seu tempo	Use bem o seu tempo
Getting the most out of the course	Obtendo a maioria fora do curso	Adquirindo o mais exterior do curso	Como tirar o máximo de proveito do curso
Course documents overview	O curso documenta a visão geral	Curso documenta avaliação	Visão geral da documentação do curso
Figure 1 shows the order in which the modules are to be completed	Figura 1 mostra o pedido no qual os módulos serão completados	Figure 1 espetáculos a ordem na qual os módulos serão completados	A figura 1 mostra a ordem na qual os módulos serão concluídos
Take breaks as needed.	Tome rupturas como necessitadas.	Fraturas de objeto pegado como precisada.	Faça intervalos conforme a necessidade.

A tradução mecânica, hoje, está tão difundida que é usada por “curiosos” principalmente para traduções rápidas de textos curtos e repetitivos, com estrutura e vocabulário padronizados (correios eletrônicos, atas de reuniões, relatórios); para a simples localização de textos escritos em uma língua desconhecida pelo usuário; ou para fins de rascunho. É rápida e mantém o formato original. Mas não é muito confiável, principalmente se a finalidade for publicar o material traduzido.

2.4 Memórias de tradução

Embora não tenham de todo descartado a tradução mecânica, as empresas de tradução estão adotando cada vez mais as memórias de tradução. Não se trata de um software capaz de traduzir, mas sim um software capaz de reconhecer textos anteriormente traduzidos e indicar o que pode ser aproveitado com segurança, o que pode ser aproveitado em parte (textos semelhantes, porém não rigorosamente iguais) e textos totalmente novos. Quando é preciso fazer atualizações – comuns em manuais técnicos -, o programa analisa o texto, verifica o que ele já conhece e o traduz automaticamente. Os textos desconhecidos precisam ser manualmente traduzidos; depois, quando a memória é atualizada por um profissional, o software "aprende" os trechos novos, o que evita que cada pessoa envolvida num único projeto traduza-os de formas diferentes.

As memórias de tradução têm sido cada vez mais usadas para melhorar a produtividade, assim como a qualidade e a coerência dos textos. Elas se baseiam na análise das repetições dentro de um documento e só valem a pena se o texto for recorrente em diferentes documentos e se contiver um grande número de correspondências.

Os sistemas de bancos de dados de memória de tradução são aplicativos de software que auxiliam o tradutor na reutilização de traduções feitas previamente. Armazenam-se pares de frases - no original e traduzidas - em um banco de dados, e as frases novas são comparadas com as já arquivadas. Se houver alguma correspondência (total ou parcial), a frase traduzida correspondente será apresentada ao tradutor como uma possibilidade de tradução da frase do texto-fonte. São exemplos de sistemas de memória de tradução o Trados Translator Workbench, Star Transit, Eurolang Optimizer, IBM Translationmanager, Atril Déjà Vu e SDL Amptran.

Afora as memórias de tradução, outra ferramenta que ajuda o tradutor são os sistemas de gerenciamento de terminologia - aplicativos de software com bancos de dados que auxiliam na documentação e na manutenção de glossários eletrônicos, e na simplificação ou mesmo automação da pesquisa de termos. O Trados MultiTerm, o Star TermStar e o Atril WordWatch são exemplos desses sistemas.

Conforme visto no Capítulo 1, além da escolha adequada da terminologia, há necessidade de se manter a padronização ao longo dos manuais, ajuda on-line e interface do usuário. Se uma frase aparecer várias vezes, o ideal é que a mesma tradução seja usada em todas elas; a questão torna-se ainda mais relevante com o aumento no número de tradutores trabalhando no projeto. Sem as ferramentas de tradução, só é possível resolver esse problema com revisões rigorosas, que levam muito tempo.

Outro assunto que afeta tanto a qualidade quanto o prazo é que o documento original é alterado com freqüência durante o projeto, porque este normalmente é iniciado antes de o material em inglês ficar totalmente pronto, o que significa que as modificações também têm que ser traduzidas. Foi para situações como essa que as memórias de tradução foram projetadas. Sem essas ferramentas, a detecção de alterações consome muito tempo e fica sujeita a erros; com elas, os prazos tornam-se mais viáveis, já que elas facilitam a localização de termos predefinidos e a reutilização de traduções anteriores. As ferramentas ajudam a atingir as três metas principais de todo projeto de tradução, a saber, a boa qualidade do texto, custos baixos e redução nos prazos de entrega. Vale ressaltar que a tecnologia sozinha não é a solução para todos os problemas, há de se indicar um tradutor experiente para gerenciá-la, sob pena de ocorrerem erros crassos no texto.

Entre as desvantagens da memória de tradução, estão o longo tempo para preparar o trabalho (fazer transferência dos materiais de referência, alinhá-los etc.), a necessidade de experiência para decidir que aplicativos devem ser usados, e a exigência de haver uma pessoa responsável por estar sempre atualizando o software para que ele apresente bons resultados. O tempo que se gasta com essas atividades, no início, é grande, mas pode ser bem recompensado se o projeto for volumoso e de longa duração.

A gerente da Follow-Up Traduções Técnicas Ltda., Luciana Lavôr, acredita que não há uma tecnologia de tradução que possibilite uma solução completa. “Ainda precisamos de pessoal qualificado para editar e revisar todo o texto para garantir a qualidade”, diz ela (*Multilingual Computing & Technology*, fevereiro de 2000, p. 13). No entanto, sem desconsiderar o talento humano, ela avalia como imprescindível o uso da tradução mecânica, que reúne bancos de dados de terminologia e tradução, com resultados excelentes: maior qualidade na padronização da terminologia, maior eficiência em prazos mais curtos e 35% de redução nos custos da tradução.

Conclusão

Para que a tradução técnica de informática seja de boa qualidade, atendendo aos requerimentos atuais do mercado, é de fundamental importância que o tradutor se empenhe na padronização da terminologia, podendo usar como ferramentas auxiliares ao seu trabalho os glossários eletrônicos, os tradutores automáticos e as memórias de tradução.

Como comentado anteriormente, a velocidade com que as novas tecnologias são lançadas é maior do que a capacidade da língua de absorver e regulamentar as novas palavras atreladas às invenções. É certo que a língua é viva e precisa encontrar meios de exprimir conceitos recém-criados, porém também é mister regular a "proliferação" exagerada de vocábulos novos para que eles não tomem vida própria e passem a se multiplicar como se fossem produtos de uma "geração espontânea". Se o tradutor não tiver o cuidado de, uma vez escolhida a tradução para determinado termo, manter essa escolha do início ao fim do trabalho, serão tantos os sinônimos para um mesmo conceito que já não se saberá mais a que o texto está se referindo. Ao tradutor técnico de informática cabe também evitar a importação desnecessária de palavras estrangeiras – desnecessária porque, na maioria das vezes, a língua portuguesa pode oferecer um correspondente bastante satisfatório para o termo da língua-fonte – e uniformizar o novo vocabulário selecionado.

A questão da uniformização foi bastante discutida aqui, porque é justamente ela que proporciona uma coerência de ponta a ponta nos textos, possibilitando assim uma comunicação sem ruídos com o leitor/usuário final da documentação técnica. A chave para o texto técnico é a **comunicação**. Se, na hora da dúvida, o leitor conseguir entender o que diz o manual, o texto estará cumprindo sua missão. E essa característica precisa ser conservada na tradução, a despeito do julgamento de "pobreza vocabular" que possa ser feito a respeito dela. A pluralidade e a multiplicidade de traduções para um mesmo conceito, neste caso, só podem ser prejudiciais à boa compreensão do texto. Daí a importância da padronização da terminologia na tradução técnica.

A fim de alcançar a meta da padronização terminológica, o tradutor conta com ferramentas de trabalho preciosas, tais como a confecção e a utilização de glossários, o uso de tradutores automáticos e de memórias de tradução. Devido ao crescimento do mercado de trabalho na área da tradução técnica de informática, na última década, o volume de traduções aumentou na mesma proporção que a expansão do processo de globalização. Hoje em dia os prazos para a entrega dos trabalhos são cada vez menores, fazendo com que vários tradutores participem de um mesmo projeto. Se não fosse a preocupação com a padronização da terminologia, cada parte do documento daria nomes diferentes para um mesmo conceito. As ferramentas de tradução são resultado de um amplo esforço tecnológico mundial para contornar esse problema. Elas não são uma solução completa para as dificuldades com que o tradutor se depara, mas certamente são de reconhecido auxílio para o exercício da profissão. Vale lembrar, ainda, a importância que uma boa revisão tem para os textos traduzidos – principalmente no caso de projetos grandes –, para garantir a coerência final do texto e, por conseguinte, a boa qualidade do trabalho.

Por maior que seja o entusiasmo em relação ao uso da tecnologia, há de se ter sempre em mente que nenhuma ferramenta substitui o ser humano. Para o gerente de contas da JLS Language Corp., Kevin Lenzen:

> "O cérebro humano deixa no chinelo tudo que existe de hardware e software. Nem todas as invenções de Bill Gates reunidas seriam capazes de criar um produto que incorporasse o conhecimento, a experiência, a inspiração e o talento de um tradutor de carne e osso. As ferramentas eletrônicas de tradução são de enorme utilidade, mas só os seres humanos são realmente indispensáveis." (*Multilingual Computing & Technology,* fevereiro de 2000, p. 13).

Fontes e referências bibliográficas:

ANSELMO, Luciana, "Tradutor Virtual: 'wanted'", O Globo, Caderno Boa Chance, 29 de novembro de 1999.

ARANHA, Maria Lúcia de Arruda e MARTINS, Maria Helena Pires, Filosofando: introdução à filosofia, São Paulo: Moderna, 1986, pp. 17 a 19.

AUBERT, Francis Henrik, "Língua como estrutura e como fato histórico-social: conseqüências para a terminologia". Cadernos de terminologia, nº. 1, 1996, pp. 11 a 15.

BENNET, Mike, "Localization Trends for 1998", Multilingual Computing & Technology, # 18, Volume 9, Issue 2, August, 1997.

BORDENAVE, Maria Candida Rocha, "Fundamentos de terminologia: conceitos necessários na formação de tradutores – avaliação e crítica". Trabalho apresentado no II Simpósio Latino-americano de Terminologia- I Encontro Brasileiro de Terminologia Técnico-Científica – IBICT, Brasília, 1990, pp. 1-6.

CÓDIGO DE DEFESA DO CONSUMIDOR, 1991.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda e J.E.M.M. Editores Ltda., Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa, 2ª edição, Rio de Janeiro: Ed. Nova Fronteira, 1986.

FREIVALDS, John, "Consolidation in the Language Business", Multilingual Computing & Technology, # 13, Volume 8, Issue 2, March, 1997.

GLOSSÁRIOS DE DIFERENÇAS DE VOCABULÁRIO ENTRE BRASIL E PORTUGAL, Departamento de Tradução e Documentação Técnica da Xerox do Brasil.

GUCCIARDI, Isa, "Languages On the World Wide Web", Multilingual Computing & Technology # 9, Volume 6, Issue 2, September, 1995.

GUIA DO ALUNO DA COPIADORA/IMPRESSORA XEROX DOCUMENT WORKCENTRE SÉRIE XD, Xerox do Brasil, fevereiro de 1999.

GUIA DO USUÁRIO DO WORKCENTRE PRO 555, 575, Xerox do Brasil, dezembro de 1999.

IVERSON, Steven P. e KUEHN, Heidi E, "Proposed Maturity Model for Translations". In: Internet, http://www.translat2000.com/resources/MaturityTrans.html, pp. 1 a 7.

LEFEVERE, André & BASSNETT, Susan, "Proust's grandmother and the 'Thousand and one nights'. The cultural turn in Translation Studies". In: BASSNET, S. e LEFEVERE, A. (orgs.) Translation, history and culture. London and New York: Printer Publishers, 1990, pp. 1-13.

LOPES, Mikhai, "Sem traição eletrônica", Exame, ano 32, n$^{o.}$ 4, 24 de fevereiro de 1999, pp. 12 e 13.
.

MILLER, Mark, "Technical Writing for Better Translation", Multilingual Computing & Technology, # 8, Volume 6, Issue 1, June, 1995.

MOUNIN, Georges (trad. de Heloysa de L. Dantas) "A tradução como contato de línguas" e "O mister de traduzir e a multiplicidade das civilizações". In: Os problemas teóricos da tradução. São Paulo: Cultrix, 1975, pp. 15-27; 63-71.

MOURÃO, Liane, "Fale a sua língua". PC World, n$^{o.}$ 68, fevereiro de 1998.

MT NEWS INTERNATIONAL, "Systran Pro for Windows is finalist for Awards", University of East Anglia, Norwich, Reino Unido, issue no. 16, February/March 1997.

NEIVA JR., Eduardo, Comunicação – teoria e prática social, São Paulo: Editora Brasiliense, 1991, pp. 95 a 121.

SAMUELSSON-BROWN, Geofrey, "Sources of reference, data retrieval and file management". In: A Practical Guide for Translators, Clevedon, Philadelphia: Adelaide, Multilingual Matters Ltd., 1993.

SAWYER, Joel, "The Language Market Through 2005", Multilingual Computing & Technology # 15, Volume 8, Issue 4, August, 1997.

SCHLEIERMACHER, Friedrich "On the different methods of translating" (versão reduzida; trad. de Waltraud Bartscht), 1813. In: SCHULTE, R e BIGUENET, J. (orgs.), Theories of translation: an anthology of essays from Dryden to Derrida, 1992, pp. 36-54.

STEINER, George, "The claims of theory" (fragmento). In: After Babel, New York & Toronto: Oxford University Press, 1975, pp. 236-239.

STOELLER, Willem, "How Translation Tools Help", Multilingual Computing & Technology # 14, Volume 8, Issue 3, June, 1997.

"Translation technology: integration in the workflow environment",EAMT WORKSHOP, Geneva, WHO, 2-3 April, 1998.

TRINDADE, Eduardo, Teses, dissertações e monografias: roteiro para sua elaboração, 2^{a}. ed., Rio de Janeiro: JUERP, 1995.

TURBITT, Susana, "Using Translation Tools for Web Sites", Multilingual Computing &

Technology # 24, Volume 10, Issue 2, April/May, 1999.

UREN, Emmanuel, “Introduction 1.1 What is So Special About Translating Software and Its Documentation”. In: Software Internacionalization and Localization, New York, NY: VNR, 1993.

VIANNA, Paulo, “Do you speak micrês? – Com a invasão cada vez maior de termos informatas, o português está virando um dialeto”, O GLOBO, suplemento INFORMÁTICAetc,19 de agosto de 1996.

VASCONCELOS, Nelson, “What língua is this? – Micrês ganha espaço no vocabulário oficial da ABL”, O GLOBO, suplemento INFORMÁTICAetc, 21 de setembro de 1995.

VOCABULÁRIO ORTOGRÁFICO DA LÍNGUA PORTUGESA, Academia Brasileira de Letras, 1ª edição, Rio de Janeiro: Bloch, 1981.

____, Academia Brasileira de Letras, 2ª edição, Rio de Janeiro: A Academia, 1998.

“What translation technology couldn´t you live without?”, Multilingual Computing & Technology, # 29, volume 11, issue 1, February 2000, p. 13.

Xerox DocuTran - Document translation for the global marketplace, folheto de divulgação, 1991.